

# Ensaio sobre a riqueza: a fortuna da experiência atual de Nilson Lage em sala de aula

Geder Luis Parzianello

## Resumo:

O presente trabalho é uma reflexão crítica do sujeito professor em sua experiência no ensino de Teorias do Jornalismo sem, no entanto, constituir-se metodológica e propriamente, num estudo de caso. Resgata a especial relevância do pensamento de Nilson Lage para o trabalho de formação de novas gerações de profissionais a partir de sua própria vivência como estudante e reconstitui, por metodologia reflexiva e filosófica, percepções no exercício da docência, relativamente às contribuições desse autor. Propõe a valoração dos textos de Lage em sala de aula pelas suas qualidades subjetivas, por suas temáticas trabalhadas e por seu valor histórico, reconhecendo nele a riqueza de um pensamento sempre atual. Conclui em relação ao papel do pensamento sistematizado de Nilson Lage na direção de uma identidade brasileira no ensino do Jornalismo.

**Palavras-chave:** Nilson Lage. Jornalismo. Teorias.

**Essay on Wealth: the fortune of Nilson Lage's current classroom experience**

## Abstract:

The present work is a critical reflection on the “teacher-subject” in his experience in the teaching of Theories of Journalism without, however, methodologically constituting itself as a case study. It retrieves the special relevance of Nilson Lage's writings to the work of training new generations of professionals from his own experience as a student and reconstitutes, through reflective and philosophical methodology, his perceptions in the teaching practice, regarding the contributions of this author. It proposes the appreciation of Lage's texts in the classroom for their subjective qualities, their worked themes, and their historical value, recognizing in them the richness of an ever-present thought. The article concludes with the role of Nilson Lage's systematized thinking in the direction of a Brazilian identity in the teaching of Journalism.

**Keywords:** Nilson Lage. Journalism. Theories.

Recebido em: 17.03.22  
Aprovado em: 12.05.22

**Geder Luis Parzianello**

Doutor em Comunicação Social pela PUCRS com pós-doutorado realizado na Universität Paderborn, Alemanha (Bolsa Capes 2012/2013). Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo pela PUCRS. Professor Associado Classe D Nível IV na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

E-mail: gederparzianello@yahoo.com.br

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v.19, n.1, jan./jun. 2022.  
ISSNe 1984-6924

**É** lugar comum dizer que Nilson Lage foi referência de muitas gerações de professores de jornalismo e de pesquisadores nas universidades brasileiras. Mas é uma verdade. A leitura de parte de seus trabalhos foi companhia constante na formação de várias gerações de professores e de jornalistas nas faculdades há, pelo menos, quatro décadas. O que faz dele, na nossa tradição ainda relativamente tão recente dos estudos em Jornalismo no Brasil, verdadeiramente, um clássico.

É quase certo que se Lage reescrevesse hoje boa parte do que produziu, faria adaptações, revisaria passagens de seu próprio texto, enfim, o que, provavelmente, aconteceria com qualquer um de nós que pudesse, mais tarde, reeditar aquilo que construiu intelectualmente. Por incentivo, inclusive, de colegas seus, como ele mesmo admitiu em algumas obras, Lage chegou a fazer isso, ao reeditar alguns dos seus trabalhos. E se pudesse ainda agora fazê-lo, mais uma vez, quem o conheceu não tem a menor dúvida de que estaria completamente absorvido neste desafio.

É importante que gerações futuras de estudantes de jornalismo saibam sempre relê-lo. Como ele soube fazer com tantos autores que o precederam e como sempre se mostrou diante dos clássicos. Lage cultivou um curioso equilíbrio entre duas extremidades do jornalismo: entre o pragmatismo da técnica e o abstrato dos conceitos, no domínio de fundamentos teóricos. Numa época em que ainda mal se constituía o nosso esteio epistemológico em teorias do jornalismo no Brasil, sobretudo a partir de experiências de leitura e percepção brasileira e latino-americana, Nilson Lage despontava como um sistematizador local dos saberes de nossa área e conversava com as práticas sem abdicar da reflexão intelectual que as acompanhava, tantas vezes, aliás, infelizmente negligenciada na história da formação de jornalistas por conta do pragmatismo excessivo e contagiado pelos imperativos do mundo do trabalho.

Como não poderia ser diferente, Lage foi um pesquisador-pensador, extremamente cuidadoso com a linguagem, um apaixonado pela arte da boa escrita: o seu texto claro, a atenção à sintaxe, a consciência sobre os efeitos semânticos do que dizia. Os aspectos que, naturalmente, acabam envelhecendo alguma parte da sua escrita, haja vista as transformações todas pelas quais nossa profissão e nossa atividade sempre passam (principalmente em função dos novos modelos de relação dos sujeitos com as notícias, ou pela via dos novos suportes tecnológicos e as configurações toda vez renovadas do mundo do trabalho, do digital e do virtual), jamais retirarão sua relevância e atualização. Porque Lage não escreveu apenas sobre o mundo como ele se configurava, mas soube trazer preocupações sobre como a linguagem e a cultura, afinal, configuram o jornalismo e essa será uma questão perene, permanente e atual.

Impossível não lembrar a presença de Lage na nossa formação, nós que passamos já de meio século de existência e que convivemos com as primeiras edições de seus livros nas estantes das bibliotecas de nossas faculdades de comunicação, que ouvimos nossos mestres professores em sala de aula oferecendo, através de Nilson Lage, boa parte do que eles próprios selecionavam em conhecimentos para dividir com a gente, em suas aulas de redação jornalística e de teorias nos cursos de jornalismo, desde os anos 1980. Ainda lembro meus professores de redação e de teorias com o livro de Lage nas mãos e uma grata inspiração em seus rostos. Alguém que conhecia a prática da nossa profissão, afinal, escrevia, publicava, e ali nos presenteava com reflexões e ensinamentos. Era um tempo sem internet e nossa relação com os livros era absolutamente outra, mas suas marcas ficaram, sem dúvida, naquilo que fomos nós mesmos, mais tarde, também fazendo com nossos alunos, décadas depois, ao trazermos de volta aqueles autores que conhecemos.

O trabalho de autores como Nilson Lage importará cada vez menos por considerações que ele traz em relação ao universo gráfico da mídia impressa, por exemplo, como do linotipo e dos modos de composição mecânica, que já em seu

tempo se transformavam, com os parques industriais em completa inovação tecnológica. O que ele escreve sobre tecnologia da imprensa tem a marca de seu tempo e não poderia ser diferente. Mas não se descarta um autor pelos traços nos quais ele naturalmente sempre se cola ao seu tempo. Sua revalorização se dá pelo caráter perene de suas ideias, pelo empréstimo que ele próprio soube fazer de clássicos em sua geração, sem falar no valor histórico de suas próprias reconstruções em perspectiva. Lage tangenciou, sabiamente, os papéis de historiador do pragmatismo da nossa profissão, paralelamente à forma como soube fazer dialogar tantas contribuições filosóficas e sociológicas com o jornalismo.

Quem dera as futuras gerações de jornalistas possam, ao longo de sua formação, emprestar um digno espaço de seu tempo a compreender essa história narrada por Lage em torno da atividade das rotativas, do universo da mídia em papel e das significações que foram sendo construídas, relativamente, aos modos como o jornal era construído e colocado em circulação até meados dos anos de 1990 e começo dos anos 2000. Trata-se de um conhecimento que não pode ser marginalizado pelo imediatismo da era presente nem pela aparente força destrutiva do reducionismo tecnológico. Tampouco desprezado por descrições mais calorosas dos fenômenos presentes. Ler ainda hoje Nilson Lage é atravessar o campo da linguagem, da cultura, das sociabilidades, por um aprendizado que sempre mais agiganta e enobrece a quem faz e ensina a fazer *jornalismo*.

É preciso um olhar especial para o contato com essa leitura. Porque extasiados demais com textos de solução apressada a problemas objetivos e pontuais, por vezes podemos ter tornado nossos alunos como que assujeitados a esta hipervalorização de abordagens menos reflexivas e tão características do nosso tempo. Porque é preciso reconhecer que também o contemporâneo pode estar ultrapassado.

É significativo como a obra de Lage continua vívida em suas contribuições preciosas sobre liberdade, monopólio, censura, opinião pública e tantos temas como esses que em sua produção se encontram correlatos. Seus fundamentos sobre a verdade, por exemplo, nos parecem absolutamente revalorizados, sobretudo, nesta era da pós-verdade e diante do desafio ao jornalismo que se tornaram as *fake news*. A forma como ele soube, por exemplo, tratar de temas como o fascismo, a relação do jornalismo com o poder e outros tantos, atravessado por questões de linguagem, questionamentos filosóficos e domínio histórico de tudo que tratava, o qualificam para uma referência valiosa e atemporal.

Lage foi um professor no sentido mais amplo da palavra. Seus escritos são aulas. É possível e necessário que seus textos sejam sempre de novo lidos e por novas gerações de jornalistas, aplicados sobre essa leitura dois instrumentos hermenêuticos que são a percepção da realidade atual e a compreensão sobre os contextos em que suas ideias foram escritas.

Não é lendo Nilson Lage como um manual das práticas, portanto, que se saberá dar a ele a significação que merecidamente lhe cabe e não apenas em perspectiva histórica. O mesmo se poderá dizer de muitos contemporâneos dele, ainda hoje presentes na sólida teorização de boa parte dos professores e pesquisadores em atuação no país, mas da mesma forma sobre os cânones que estes mesmos valoraram. Trazê-los para a sala de aula haverá de ser uma leitura, claro, fracionada, pelo tanto que este universo já acumula em nomes, concepções e entendimentos. Impossível que se dedique hoje a um mesmo autor ou obra o tempo de leitura de antigamente ou até alguma veneração maior, como acontecia no passado.

Nosso campo do conhecimento cresceu, evoluiu e hoje há bem mais atores a competir essa atenção dos novos pesquisadores e de futuros profissionais da imprensa. Além disso, a própria dinâmica da vida mudou. Mas é também não menos verdade que erramos quando, talvez, abdicamos de um maior cuidado com obras de referência e trabalhamos na vertiginosa aparência de uma atualização bibliográfica e documental, como se o conhecimento acumulado não fosse devedor des-

se percurso mais clássico ou se os textos antigos, em si mesmos, não dialogassem com boa parte do que nosso mundo hoje nos confronta.

Tenho levado os textos de Lage (1979; 1986; 1998) ao contato com meus alunos e alcançado muito bons resultados através de suas considerações, para ler a atividade da nossa profissão, justamente num momento tão representativo da urgência de se formar jornalistas conscientes das ameaças do fascismo, do desafio de repensar o debate público, a circulação de informação falseada, os oligopólios derivados do capitalismo de plataformas e, para citar um termo por ele mesmo já usado, as várias “arqueologias” a que as cenas que vivenciamos se encontram explicadas.

Verdade, poder e conhecimento podem ser três eixos pelos quais Nilson Lage ainda hoje, na particular experiência minha em sala de aula, parece absolutamente atual e cujo percurso e caminhada constituem significativo trecho de nossa epistemologia em jornalismo. O olhar perceptivo de quem leu autores como Nilson Lage se agiganta diante da interpretação do mundo acerca dos totalitarismos, autocracias e ameaças à democracia, como parece ser a marca do contemporâneo, mediante a ascensão ao poder de líderes de extrema direita conservadora, nessa geopolítica da segunda década do começo do século 21, em termos globais, e num exato momento em que o conflito da Rússia com a Ucrânia assombra o mundo e revaloriza ainda mais o papel do jornalismo.

Lage (1979; 1986; 1998) faz teoria do jornalismo, não militância ideológica. Estrutura leitura do real associada ao conhecimento histórico, linguístico, sociopolítico. Revaloriza as ciências, sobretudo, as humanas e sociais. É um homem de ideias. Mas que soube convergir preceitos e fundamentos à reflexão sobre as práticas. Se ele lamentou, certa vez, não poder ter trocado ideias nem convivido com Adelmo Genro, não é esta a condição de boa parte dos professores de nossa geração, com mais de 50 anos e que hoje ainda ensinam nas faculdades. Tivemos as chances, ainda que poucas, talvez, do seu convívio. Mas, isso também nos delega um importante papel de saber repassar o que isso tenha significado a quem vem depois de nós, para que se possa realmente ‘subir nos ombros de um gigante para se olhar adiante’.

Lage (1979; 1986; 1998) chamou sempre muito claramente a atenção para a abstração do conhecimento. Emprestou uma consciência sobre elementos intrigantes da investigação nas ciências e relativamente a como a ciência e o poder se acham estranhamente associados. Não é este, afinal, um veio extraordinariamente atual para debatermos o jornalismo frente aos desafios da vacinação na pandemia da Covid-19 e diante do debate público instaurado sobre informação, ciência e política, especialmente nestes dois anos de dúvidas e incertezas que vivenciamos? Como pensar, afinal, um jornalismo do confinamento?

Lage, em toda sua produção, dialoga com autores fundadores de nosso campo. Aproveita os ensinamentos que tinha também em filosofia da linguagem, linguística, sociologia e outros saberes para nos falar da aparência das notícias, da verdade, das formas como se pode, no jornalismo, pensar o poder e o conhecimento. Soube inspirar, assim como se revelou nitidamente inspirado por aqueles que ele leu, de Adorno a Barthes, Heidegger e Wittgenstein, Luiz Amaral e Juarez Bahia, de Fraser Bond ao inesquecível Alberto Dines, de Umberto Eco e Michel Foucault a Muniz Sodré e Cremilda Medina, entre centenas de nomes. Não se deixava atravessar simplesmente como leitor, mas como homem do jornalismo. Fazia conversar ideias com a prática da profissão. Convergia teoria e prática.

Não imagino que a atualidade de Nilson Lage precise ser anunciada, pelo que penso, todo autor tem à sua medida o aproveitamento que lhe cabe para além de seu tempo. Mas, presumo que eu talvez possa fazer das considerações que desenvolvo um testemunho ocular de práticas de ensino em jornalismo que se valeram efetivamente desse empréstimo em Lage, devedoras do seu pensamento e mesmo que sem abrir mão de incessantes diálogos com estudos cada vez mais

recentes. E como me reconheço sujeito dessa aprendizagem, trago o que por meio desse autor me foi possibilitado em experiência em sala de aula.

Em Nilson Lage não veremos nem a falsa erudição nem o empenho por uma retórica excessivamente cientificada ou academicista. Ele soube equilibrar estilos em sintaxe e semântica. Em seus livros, particularmente *Linguagem Jornalística* (1986) e *Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente* (1998), sinto enormes contributivos para as reflexões contemporâneas que se possam e se devam fazer com alunos de graduação, sobretudo, no intuito de sua formação numa epistemologia da área. A digitalização de parte das obras, sem dúvida, contribuiu sobremaneira para facilitar este trabalho. São textos que entendo especialmente provocadores e que conversam com um contexto global de crises não só no jornalismo, mas nos domínios da verdade, da democracia, do poder. Os cenários de um conflito atual da Rússia com a Ucrânia, em que a informação mentirosa novamente é arma de guerra e revaloriza o jornalismo profissional como atividade; a ascensão da direita ultraconservadora na Hungria, da busca por hegemonia russa; e o contexto particular da política brasileira em 2022, com a relação tensa entre governo e imprensa se constituem como pano de fundo, cada vez mais significativos, para a releitura de Nilson Lage.

Este nosso progenitor no campo teórico soube fazer considerações polêmicas e provocativas. Através de seus textos, eu soube dar valorização adequada a boas incursões no pensamento clássico grego, a considerar que como jornalistas nós precisamos de um conhecimento filosófico, ampliando nossa capacidade de reflexão e análise, seja para apreciarmos o jornalismo praticado nos suplementos dos jornais de domingo, ou mesmo para sabermos, como ele próprio recomendava, que se pudesse separá-los em termos do que de fato significam. Há influências muito claras de Foucault em seu trabalho, não apenas por meio de referências bibliográficas, mas em algum estilo de expressar sobre “coisas e palavras”. Lage não foi, no entanto, como aqueles outros tantos autores consagrados, mas criticados por se mostrarem copistas. Ele escrevera com os autores lidos e não por meio deles, o que é um ponto extremamente positivo.

Há uma forte influência em seu texto, sobretudo nessas duas obras, de tudo que conhecemos sobre percepção na tradição ocidental em filosofia. Lage foi um autor do jornalismo que nos provocou (a partir da fenomenologia e da filosofia da linguagem, mesmo sem nem sempre enunciá-las) a compreender o mundo do jornalismo como o vemos. Ele conversaria perfeitamente com tudo que circula entre nós sobre o enquadramento e a percepção, a estética do nosso tempo e sobre como construímos nosso conhecimento e compreendemos a realidade enquanto jornalistas. É interessante ver como alunos de graduação vão desenvolvendo também por meio dele as suas próprias sensibilidades.

A influência inevitável dos textos por ele lidos e das racionalidades todas de seu tempo encontra-se claramente demarcada em seus textos, seja pelas referências que faz a teses da física, da sociologia e ou da história das ideias, como pelo que, vez ou outra, ele nos concede na alusão a eventos da realidade política, como ao falar da Malásia, ou do governo Kubitschek, por exemplo.

É possível aproveitar Lage em sala de aula pelo emprego de duas dialéticas distintas. Uma primeira, ascendente, em que se possa partir de seus textos para depois alcançar leituras por ele indicadas, relativamente, aos cânones de outros campos do saber, ou numa dialética descendente, pela qual se possa, por exemplo, começar por Foucault e ou Wittgenstein para depois vir a ele, e reconhecer nos seus trabalhos os muitos aproveitamentos que faz desses autores e, em ambos os casos, debruçar-se em reflexões sobre como o jornalista atua na sociedade. Oferecidas com o devido cuidado, em meio a uma atenção pedagógica quanto à cognição e às didáticas de apresentação do conhecimento, seja qual for a trajetória da dialética, os resultados têm sido bastante interessantes.



Os estudantes realmente gostam da leitura de textos claros e bem escritos como os de Nilson Lage, em geral, mais acessíveis a alunos de graduação que os textos mais densos dos autores que ele próprio referencia. É razoável que se compreenda que é mais fácil a um jovem de vinte e poucos anos iniciar a fundamentação teórica em teorias do jornalismo por um Nilson Lage bem antes de se lançar a compreender implicações de sua atividade profissional futura com muitos dos dilemas de linguagem e de percepção sobre o real e sobre a verdade, por exemplo, mais profundamente tratados nos fundamentos da filosofia.

Lage é, assim, um professor que escreve. Ideal que essa fosse a prática de nossas ações no ensino, de todos nós professores, o que em geral só acontece bem mais tarde, quando de fato o ensino e a pesquisa conversam efetivamente no cotidiano da sala de aula e quando se deixa de produzir para efeitos meramente protocolares de formação ou carreira, voltados a preocupações mais legítimas de pesquisa.

Obviamente que a experiência de leitura aos estudantes novos não será jamais a mesma que tivemos nós que convivemos com ele, que o conhecemos, e que, por óbvio, o leremos sempre por outro modo. Mas é possível, a meu ver, que essa experiência, ainda que outra, possa ser, mesmo assim, absolutamente válida, de fato rica, mesmo aos jovens de agora, afoitos pelas novidades e quase sempre desapegados do extemporâneo e afogados pela pressa, sem tempo para a necessária reflexão e leituras.

Será preciso um movimento de arqueologia nesse sentido, e creio que tenha conseguido fazê-lo na medida em que coloco o clássico e o contemporâneo lado a lado, tangencio as evidências de que o novo não se faz tão novo como em geral se imagina e que o velho não tem o revestimento de ultrapassado, que é uma forma como preconceituosamente temos visto novas gerações olharem para o conhecimento construído. Por isso, a escolha de um título talvez estranho como este: *Ensaio sobre a riqueza: a fortuna da experiência atual de Nilson Lage em sala de aula*. Porque ele sintetiza o que realmente considero haver por meio dessa herança de Lage para com a nossa área do saber e o campo do conhecimento no qual se constituiu o jornalismo.

Quando o autor propriamente nos fala do *theasaurus*, ao referir-se a sistemas de informação que reúnam dados sobre notícias, em *Controle da Opinião Pública* (LAGE, 1988, p. 277), inspirei-me para dar o título a este ensaio. Porque sinto como muitas de suas colocações podem, isoladas ou não, servir de mote para a discussão atual de grande parte dos problemas do jornalismo na atualidade como um tesouro mesmo. E que atuam como tesouros no sentido pedagógico, podendo servir para uma provocação a novas construções do conhecimento. Pensar o jornalismo é sempre um desafio, mas também uma dificuldade. Aqueles que se iniciam nessa tarefa trazem consigo muitos elementos pré-dispostos, formatados por um senso comum e que costumam demonizar a mídia, criticar parcialmente o jornalismo e olhar para os fenômenos e processos midiáticos com um olhar comum, desprovido de maior conhecimento histórico, sociológico ou mesmo linguístico.

Penso que Lage possa ser um caminho para esta superação. No que vai haver sempre uma dependência sobre o papel do professor frente aos alunos e sobre a forma como ele próprio seja capaz de ler o mundo, de se reapropriar de Nilson Lage e de fazer com que estudantes também consigam fazê-lo. Como todo tesouro, é preciso procurá-lo. E, muitas vezes, é preciso cavar para encontrá-lo, que é uma metáfora própria ao arqueológico, e no que parece residir, com precisão, a concepção de que nossa profissão seja uma atividade de fato arqueológica (e nada mais foucaultiano que isso).

O reconhecimento que se consiga prestar a Nilson Lage não é apenas um tributo ao que foi a sua vida toda de dedicação ao estudo e ensino do jornalismo, mas também ao que a sua existência e as suas práticas tenham se constituído enquanto

forças inestimáveis à construção e consolidação da nossa área como campo do saber e se tornado um espaço reconhecido da pesquisa. Lage fez parte do grupo que implantou na Universidade Federal de Santa Catarina o mestrado acadêmico específico em Jornalismo, em 2007, hoje sob a coordenação da professora Rita Paulino. Lage trouxe a experiência da UFRJ e da UFF para o Sul do país, somou-se aos colegas que em Santa Catarina vinham trabalhando, desde o começo do curso de graduação em Jornalismo, da UFSC, em 1979.

Foi, assumidamente e por insistência do colega professor da UFSC, Eduardo Meditsch, que Lage reeditou seu livro *Ideologia e Técnica da Notícia*, em Florianópolis, um livro que Lage mesmo admite ter lançado discretamente, em 1979. No prefácio daquela reedição, Lage faz uma justa e merecida homenagem de reconhecimento a Adelmo Genro Filho e o impacto que teve o livro *O Segredo da Pirâmide* (1987), com seus questionamentos sobre ideologia e seu tributo a Hegel. Há uma passagem, no começo da obra, em que Lage deixa claro seu entendimento do quanto uma teoria não deva valer por sua atualidade, mas por suas contribuições. E penso que é nessa mesma perspectiva que devemos continuar a lê-lo, como ele tanto soube fazer em relação a quem o precedeu.

No que diz respeito ao espaço da Teoria do Jornalismo, Lage é um demarcador brasileiro, posto que muito de nossa tradição teórica é, tradicionalmente, devedora da contribuição vinda de pesquisadores externos, notadamente Nelson Traquina (2012; 2013), de Portugal, que também nos deixou recentemente e que foi figura central na história do ensino em teorias do jornalismo, muito em função de produzir em Língua Portuguesa. As obras publicadas no exterior, via de regra, sempre tiveram demorada tradução e inserção no Brasil, sem falar de como sentíamos, desde os anos 1980 e 1990, quanto à relevância de termos um pensamento teórico que de fato concebesse o modo de fazer jornalismo em nossas realidades não apenas linguísticas, mas socioculturais, compreendidas as tantas especificidades do mundo do trabalho no jornalismo no Brasil.

A disciplina com que se constrói um autor é perfeitamente lida no atento examinar de seus textos. Lage nos revela por onde andou, na companhia de que autores construiu sua caminhada, em que matrizes do pensamento se fez sua trajetória. Já na descrição que ele próprio faz das partes que compõem o livro *Ideologia e Técnica da Notícia* (1979) se fazem sentir claramente essas maiores influências, como Barthes e Chomsky.

Por óbvio não são apenas seus livros que podem valorar a ação docente e da pesquisa, mas seus artigos e as referências inúmeras que lhe são feitas, bem como sua fundamentação teórica e discursiva oferecida por ocasião de sua defesa em banca para professor titular, na qual se empenha em reconstituir boa parte da compreensão sobre jornalismo que ele veio construindo ao longo da sua vida. Lage ancorou centenas de autores pesquisadores contemporâneos a ele, influenciou outros tantos que agora começam a se constituir estudiosos em jornalismo e, por certo, vai ser ainda referência aos que virão. Ele nos deixa um legado, mais por obstinação com nossa área que por qualquer outra motivação de investimento.

Samuel Pantoja Lima (2021) rendeu-lhe uma das mais lindas homenagens que eu já li. Fico pensando quantos serão os alunos capazes de render a seus professores tamanho reconhecimento e quais de fato mereçam que algo semelhante seja feito. Lage foi como poucos. Isso fica claro na avaliação que ele próprio fazia de si mesmo aos 80 anos, com a ironia que lhe era de fato característica e que Lima recupera e reconstitui. Sua partida foi sentida como o foi a de outro grande mestre e colega contemporâneo, igualmente precursor em nosso país, José Marques de Melo. Este de quem ainda guardo, particularmente, a lembrança do modo como sempre nos recebia, com seu jeito tão próprio de tratar gentilmente as pessoas e de ouvi-las. De dialogar com elas.

Estes últimos anos, desde mesmo um pouco antes dessa pandemia, foram de muitas perdas para nós que convivemos com eles. Vários colegas de referência partiram nesse curto espaço de tempo. Entre eles, também Ciro Marcondes Filho. Hoje entendo o que dizia Lage ao se referir sobre esses grandes colegas de seu tempo e que se foram. Entendo seu sentimento e compartilho deles, aprendendo recém a lidar com perdas assim. Vejo inspiradora a vida desses mestres, a forma como se fizeram presentes e ativos até o fim de suas vidas, produtivos, intensos, com uma disposição de causar inveja. E penso nas várias formas de preconceito que ainda vejo, infelizmente, se reproduzirem nas academias contra quem, com mais idade, permanece atuante e trabalhando. Visões reduzidas de quem tem outra relação, por certo, com o trabalho, muito diferente do que vemos acontecer na Europa ou nos Estados Unidos. Esse preconceito que ainda reside passa longe de significados que davam Lage e tantos outros que se foram ao valor do trabalho e de sua existência em relação ao que faziam.

É preciso que aprendamos a valorizar aqueles que, apesar e principalmente em razão da idade, seguem contribuindo com o campo do conhecimento e permanecem em atividade. É lamentável que, justamente quando seus ensinamentos se tornam mais consistentes, cumulativos e enriquecidos (daí porque ‘fortuna’ como riqueza e não como sorte neste ensaio), tenham que se sentir de certo modo rejeitados por alguns, como se as mudanças não pudessem ser por eles e a seu modo também sentidas e, como tantas vezes, incorporadas a suas práticas e novamente analisadas e conhecidas. Tenho pena de quem carrega o estigma contra professores de mais idade e que os descarta, em comentários e críticas, numa sociedade já repleta de descartes e genocídios diversos, de tantas exclusões e preconceitos. De gente que se reconhece em discursos inclusivos, mas que promove a exclusão, em total incoerência. Com os mais velhos está algo que só a idade e o tempo oferecem e que, felizmente, novas gerações de alunos têm sabido cada vez mais reconhecer. As “novidadeiras” formas, que serão igualmente transitórias e passageiras ao seu tempo, jamais terão, em relevância, o significado de suas próprias histórias e trajetórias se obscurecidas pelo que surge a cada tempo e lugar.

Lage nos ensina muito em breves palavras sobre uma relação saudável com a academia, que a mim sempre falou muito alto na forma de sua lucidez. Com a idade, vamos preferindo mesmo a lucidez com todas as suas consequências ao invés de ilusões e versões romantizadas. Incômodas se tornaram algumas utopias, mesmo que algumas nos pareçam sempre necessárias. Desmontam-se visões romantizadas sobre muitos universos, como o da pós-graduação, por exemplo, quando conhecida por dentro.

A passagem do professor Lage por três diferentes universidades públicas foi especial, certamente, muito pelo que somou em sua sensibilidade de compreender o contexto acadêmico com tamanha profundidade, por saber lidar com os sentimentos que encontrava pelo caminho. Soube valorizar, sobretudo, a formação no ensino público, que ele reconhecia como diferencial em sua caminhada. *Ideologia e técnica da notícia* (lançado originalmente em 1979 e relançado em 2012, pela Editora Insular) e *Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente* (1998) são obras que considero, junto de *Linguagem Jornalística* (1986) particularmente essenciais, ainda hoje, ao ensino de jornalismo, e tenho recuperado seus ensinamentos nas propostas de trabalho que levo a alunos de graduação. Tenho percebido que as incursões do autor sobre questões estruturais em torno do objeto jornal, especialmente no que se refere ao modo de organização do trabalho e seus apontamentos sobre liberdade, censura, monopólios, liberalismo econômico etc., são muito ricas para se repensar o passado e compreender, entre os alunos, o tempo presente.

Este ensaio não tem a pretensão de organizar nenhum estudo de caso, no sentido metodológico, sobre as vivências didáticas havidas na condição de sujeito



professor em uma realidade específica. Não é resultado de nenhum trabalho etnográfico, descritivo, exaustivo, sobre as condições com que se aproveitou o autor na prática da sala de aula. Nossa pretensão é mais modesta, própria da natureza do ensaio, posto que se conforma com as reflexões de nossa sensibilidade, intelectual e filosófica, em torno de algumas de nossas experiências.

Lage enriqueceu de dados históricos sobre o jornalismo boa parte das aulas expositivas na graduação que pude promover com algumas turmas em praticamente trinta anos de minha experiência na docência. O modo como ele tratou os percursos distantes da descoberta das comunicações, dos longínquos tempos chineses, ao medievo e ao Renascimento e como ele põe sobre a mesa o seu contemporâneo, são exercícios de aprendizagem em várias direções. A sensibilidade dos estudantes acaba ganhando forma pela sensibilidade também nossa, de saber aproveitar narrativas como a desse autor. Um professor ensina, afinal, da forma como aprendeu. Essa é uma grande verdade. Na lida que travo com os textos, como apoio didático, busco sempre transcender aos elementos informativos e ou opinativos de um texto para chamar a atenção de futuros jornalistas sobre a forma como aquela informação ou aquela opinião aparecem dispostas e tratadas.

Quem lê Nilson Lage se ressentido do fato de que ele passeia muito rapidamente sobre diversas coisas e que seria importante ao leitor mais exigente que ele tivesse se detido um pouco mais na análise de tantas inferências que faz, históricas, sociais, filosóficas e políticas. O próprio modo como ele trata das revoluções pelas quais o jornalismo passou em sua longa história é um exemplo disso. Tenho convicção que a leitura atenta e demorada de livros como o de Lage contribui para que nossos estudantes de graduação sintam, de forma um tanto menos dramática, a crise pela qual passa nossa profissão, entendendo que ao longo de séculos não apenas esta, mas tantas outras atividades de produção humana, também passaram por momentos de crise e de transformação, por mais que se possa ou se queira ler a um ou outro desses momentos como processos únicos ou incomparáveis.

Penso ser fundamental o conhecimento sobre a estrutura das redações e sobre a evolução do jornalismo no Brasil, como faz o autor, na medida em que este conhecimento ancore a compreensão atualizada dos jovens profissionais sobre o seu ramo de atividade. Existe, entre os jovens, e nossas gerações não foram diferentes, certo senso de validade em torno apenas do que é contemporâneo e uma falsa impressão de que o passado não importa. Há, inclusive, explicações sociológicas, antropológicas e culturais para uma matriz do pensamento que se forma por meio dessas crenças, próprias de um axioma que cada vez mais valoriza, como já dissemos, o imediatismo, o tempo presente e numa sociedade, como descreve a sociologia compreensiva francesa, absolutamente desorientada como a nossa.

Muitas das afirmações que ao longo de todo o texto de Lage se colocam podem ser reafirmadas, agora, como hipóteses e sobre elas se devem fazer outros tantos questionamentos. Compreender o presente requer, afinal, que se possa conhecer o passado. De outra forma, como pensar esse capitalismo de plataformas e sua revolução nos modos de fazer e de circular informação no mundo em que vivemos? Como pensar, por exemplo, se o jornalismo continua sendo uma atividade de elite, como Lage denuncia, ou se novos formatos e suportes de fato quebraram com o monopólio dessas verdades?

A iniciação científica na graduação, com alunos de jornalismo, pode perfeitamente encontrar em Lage inúmeras hipóteses de trabalho de pesquisa, de contextualização sobre processos e fenômenos, sobre possibilidades de recortar o jornalismo como objeto de investigação. Será que continuaríamos, por exemplo, a dividir a história do jornalismo no Brasil a partir das quatro fases como ele fez, sabendo encontrar no nosso contexto os definidores de novas rupturas e passagens?

Lage é um fazedor de perguntas, no melhor sentido que isso possa ter. Impossível não lê-lo fazendo caber nos entremeios muito do que se sinta adescoberto no

“agora” porque ele conversa o tempo todo com esse aspecto sincrônico e ao mesmo tempo diacrônico do fazer e do pensar o fazer jornalístico. Tenho insistido com alunos de graduação o quanto o conhecimento adquire-se pela leitura e que não existe uma forma tão eficiente de se alcançar um saber, como por livros e periódicos, mas também do quanto este trabalho não combina com a pressa e o imediatismo, com a superficialidade de tratamento da informação mais elaborada. Ler implica tempo, implica dedicação, empenho e, sobretudo, trabalho. Vai em direção oposta a um empenho que sentimos crescente, mesmo em políticas governamentais, de fazer desacreditar o conhecimento, desprestigiar a ciência e que parece buscar a desvalorização da formação escolar e acadêmica, menosprezando conhecimentos como das ciências sociais e humanas por razões claramente ideológicas.

Tal empenho perpassa ainda uma equivocada relação que estamos estabelecendo com o conteúdo, desprezado em favor de pedagogias ditas ativas e ou de maior protagonismo do estudante, as quais, ainda que válidas em vários aspectos, têm se tornado fator de desinteresse e desmotivação do aluno por um saber no sentido clássico, iluminista, fazendo com que se alimentem novas gerações da falsa presunção de que os dados disponíveis num sistema de busca, pela internet, por exemplo, possam valer sozinhos como conhecimento construído na sensibilidade de mundo e estruturado de forma sistemática.

Quanto de revolucionário por certo se encontra no aspecto da notícia em razão das transformações do mundo atual vivido, com tantas tecnologias e dinâmicas renovadas. Lage se apresenta, desde nossa aceção, como um autor que é crucial mesmo para pensar conceitos atualizados como o de notícia; para compor novas compreensões, como ele próprio o fez, nos limites dos nacionalismos de época, dos imperialismos econômicos e que faziam recair sobre rotinas de produção um conjunto de crenças dogmáticas. É possível com e a partir de Lage, por exemplo, pensar de novo mudanças em torno da compreensão do que é notícia, como ele próprio fez, atento e consciente de que seu tempo nunca fora um tempo de estabilidades.

Gosto, particularmente, de como Lage por vezes desenvolve uma noção para chegar a um conceito, como quando ele distingue notícia e reportagem. E como vai deles a questões bem maiores e caras ao jornalismo, como a liberdade, a verdade ou a censura, por exemplo. Busco estimular os estudantes para que pensem em que medida suas considerações (de Lage) lhes pareçam igualmente possíveis de serem hoje formuladas, ainda que sobre novos contextos. Há uma metodologia em seu pensamento. E muito se pode depreender nesse sentido pela forma clara e concisa, extremamente objetiva, aliás, com que ele escreve.

Mesmo Lage soube trazer os próprios fundamentos da tradição sobre o que tornam fatos enquanto eventos noticiosos ou não, como sendo proposições a serem questionadas. Nós, contemporâneos de Lage, nos formamos e crescemos na profissão que tomava apenas o novo como um fator relevante e informativo. Não é difícil perceber como esse aspecto tem de fato sido reformulado por práticas jornalísticas recentes, em que se dá visibilidade, no jornalismo de televisão, por exemplo, a avenidas nas cidades ainda sem movimento nas primeiras horas da manhã, expostas por câmeras de centrais de trânsito. Como se fosse mesmo possível se fazer notícia do que não está acontecendo. Nossos professores nos ensinaram que se não há fato, se não há novidade, não há notícia. Estamos vendo o jornalismo hoje se revestir de informação redundante que repete o ‘não’ em torno dos fatos sem novidade, como quando se divulga que ‘não há decisões’ em torno de um problema, que prossegue a indefinição em torno de um assunto ou que algo simplesmente ‘continua’ não acontecendo. O que muda completamente o sentido de informação e de acontecimento, de notícia enquanto relevância e fato.

Lage nos fala de uma forma singular contaminada pelas descobertas de seu tempo, por correntes e saberes circulantes, e não poderia ser diferente. Usa uma

lógica formal em vários momentos, como se estivesse a definir seus objetos por leis da física, mesmo quando claramente se dispõe a dizer sobre essa moldura não recair bem ao que sejam objetos do jornalismo. Ele se aproveita da Teoria dos Sistemas e de outros postulados lógicos formais para construir seu entendimento de como podemos pensar o jornalismo em sua natureza. Lida com axiomas, proposições e semânticas, se desafia num ambiente teórico que vai das relações de poder às estéticas, resgatando muitos dos fundamentos sobre linguagem que foram, sem dúvida, absolutamente determinantes nas escolas superiores e bem antes que os primeiros cursos de jornalismo aparecessem. Para Lage, como para autores que até aqui conhecemos, a narrativa era uma estrutura, não um discurso em sua intencionalidade simbólica. É interessante também compor um mapa conceitual sobre o estudo das narrativas, na tradição de Lage, e os estudos sobre narrativas que vêm ganhando *corpus*, nas ciências, num sentido menos estrutural e mais de significados que de estrutura. “Narrativas” passaram a assumir significados de dizeres mentirosos, falaciosos, enganadores. O mesmo sentido que na antiguidade clássica se usou e, até metade do século XX, para nos referirmos a dizeres retóricos.

Técnica, ciência e jornalismo são eixos que facilmente se percebem como transpostos ao longo do trabalho reflexivo de Nilson Lage. As reflexões que aqui trazemos são todas sem qualquer conflito de interesses em nossa atividade, profundamente motivadas tão somente pelo reconhecimento do autor e sua riqueza de pensamento.

Em *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras*, Marques de Melo (2006) menciona Lage logo à página 29, quando escreve que “Nilson Lage preocupa-se em mostrar que há uma ‘ideologia’ subjacente à técnica da notícia” e, no exercício teórico que faz do panorama da teoria do jornalismo no Brasil, ao final da referida obra, Marques de Melo o coloca como entre autores numa categorização de “conhecimento aplicado”, ao lado de nomes como Cremilda Medina, Eduardo Meditsch e duas dezenas de outros pesquisadores.

Marques de Melo (2006, p. 260) realizou com dificuldade aquela classificação, conforme ele próprio menciona em seu livro, por considerar a “exegese de conceitos e ideias ordenados em fontes [...] ou reflexões sobre fenômenos subjetivamente observados” e complementa que teve “dificuldade em alocar certos livros numa categoria ou noutra, justamente pelo hibridismo do conteúdo” (MELO, 2006, p. 261).

Na prática, Lage pertence a um conjunto de pensadores em Jornalismo que reforça a potencialidade de um exercício de reflexão crítica sobre os fenômenos jornalísticos, sem os elementos tão somente abstratos de alguns outros domínios teóricos nas ciências. Um conhecimento reflexivo e crítico que se mostra cada vez mais necessário à formação consistente de novas gerações de jornalistas profissionais. E tanto melhor que essas reflexões contenham de fato uma identidade brasileira.

Marques de Melo (2006, p. 15) resgata a história da pesquisa sobre jornalismo no Brasil desde suas raízes no final do século XIX, com as pesquisas realizadas pelos institutos históricos desde os anos 1940. Aponta que, por algumas décadas, o caráter histórico e jurídico vai predominar nos primeiros estudos e que este panorama sofre suas primeiras alterações só nas décadas de 1960 e 70, com o crescimento da indústria cultural e com a expansão das escolas de comunicação. Podemos, tranquilamente, atribuir a Nilson Lage um considerável protagonismo nesse contexto. A sistematização que ele oferece e o fator emergente de suas reflexões a partir do campo profissional, assim como a vinculação de seus estudos a espaços formais acadêmicos e a forma como tratou o jornalismo enquanto objeto dimensionado a partir da história, da filosofia e de outros tantos campos do saber, como a linguística, perpassa diferentes estágios históricos da formação de novas gerações de jornalistas profissionais em nosso país.

Meditisch (1997, p. 9) retoma Lage para falar da possibilidade de uma *fisiologia normal* do jornalismo pela qual se possa isolar teoricamente uma organização, dissociando-a das ideologias, entendidas como um fenômeno social. Impossível, de fato, falar em ideologia no jornalismo sem que se tenha a reflexão de Lage como apoio em investigações futuras, seja pelo estrato em que ele coloca textos fundadores, seja pela aplicação que ele faz ao campo profissional.

Nas muitas dobras teórico-práticas que Lage oferece sobre o jornalismo reside a sabedoria da reflexão sistemática e consistente e resistem os aspectos de sua atualidade e relevância para a formação de futuros jornalistas. Nossa produção científica precisa ser também mais incentivada na forma de ensaios, para que se torne cada vez mais reflexiva, menos formatada em padrões meramente protocolares da pesquisa e traduza anseios e preocupações em real profundidade. Lage pode ser um inspirador inestimável também para esse importante exercício.

---

## Referências

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

LAGE, Nilson. **Controle da Opinião Pública**: um ensaio sobre a verdade conivente. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 1ª ed. – Vozes, Petrópolis, 1979/ 2ª ed. – Vozes, Petrópolis, 1981/ 3ª ed. – Ufsc-Insular, 2001.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, 4ª ed. Ver. e atual, 2012.

LIMA, Samuel Pantoja. **Ao mestre Nilson Lage, com amor e gratidão**. Desacato, 2021. Disponível em: <https://desacato.info/ao-mestre-nilson-lage-com-amor-e-gratidao-por-samuel-pantoja-lima/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** Conferência feita nos Cursos da Arrábida - Universidade de Verão, Setembro de 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A Tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, vol II, 3. ed. rev. 2013.